

## HÓSPEDES E HOSPEDEIROS: O IMAGINÁRIO SOBRE CIDADE APÓS A IMPLANTAÇÃO DA UFSCAR LAGOA DO SINO

Ilka de Oliveira Mota<sup>1</sup>

O objetivo do presente trabalho consiste em compreender os modos de representação imaginária sobre cidade pelos antigos e novos moradores a partir da implantação do *campus* Lagoa do Sino da UFSCar, em 2014, na cidade de Buri<sup>2</sup>. Esse trabalho traz parte do resultado das análises que temos produzido no pós-doutoramento, na UNICAMP, e vale-se da perspectiva discursiva da linguagem na interface com autores como Sigmund Freud e Jacques Derrida.

A título de contextualização, o referido *campus* está localizado em uma fazenda de 643 hectares doada pelo escritor brasileiro Raduan Nassar, com o objetivo de promover o desenvolvimento econômico, social e sustentável da região do sudoeste paulista, uma vez que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é o menor do estado de São Paulo (MOTA, PEREIRA e NIERO, 2018), e, contraditoriamente, apresenta um dos PIB (Produto Interno Bruto) mais altos do Estado de São Paulo. Tal objetivo motivou a doação e implantação de um campus universitário na região, o que tem impactado, em diferentes aspectos, principalmente a cidade de Campina do Monte Alegre (CMA doravante). Até a implantação do campus na região, CMA era uma cidade considerada pacata, com poucos habitantes e comércio em baixa. Com a chegada do campus e, por conseguinte dos novos moradores, essa realidade muda de um modo particular, produzindo efeitos de sentidos importantes.

No plano do imaginário, espaço de organização dos sentidos, a cidade comparece como um lugar de unidade, completude dos sentidos e dos sujeitos. Da perspectiva discursiva, concebemo-la como um espaço material de significação: um produto historicamente construído em condições específicas. Como a universidade faz parte da cidade, ela também não é um produto homogêneo. Ela influencia direta e/ou indiretamente as relações subjetivas, históricas e sociais da vida da cidade em que está situada. Noutros termos, a universidade implica, pois, relações subjetivas, sociais e culturais importantes no processo discursivo (linguageiro) estabelecido na/a partir da cidade. Nela atravessam vários discursos e circulam diferentes sujeitos, isto é, diferentes formas-sujeito e, por conseguinte, relações sociais das mais diversas.

Levando em consideração que CMA é uma cidade do interior, cidade fortemente marcada pela ruralidade e acentuado tradicionalismo em relação à moral e aos bons costumes, as diferentes formas de sujeito histórico que têm entrado e habitado (n)esse espaço têm produzido efeitos importantes,

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda em Linguística Aplicada sob a supervisão da professora Dra. Maria José Coracini; doutora em Linguística Aplicada e mestre em Linguística, ambos os títulos obtidos pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, IEL/DLA/DL respectivamente). Atualmente é professora associada I da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar. *campus* Lagoa do Sino).

<sup>2</sup> É importante esclarecer que, embora o *campus* Lagoa do Sino pertença à região de Buri, a cidade de Campina do Monte Alegre (CMA) encontra-se, do ponto de vista de sua geografia, mais próxima da UFSCar do que aquela.

principalmente com a chegada de estudantes de diferentes regiões do Brasil. Neste sentido, a aparição do campus na cidade tem um “abalo” nas redes de filiação histórica sedimentadas.

Levando em conta esse contexto de produção, partimos do pressuposto de que a implantação do campus na cidade de CMA comparece como um acontecimento que perturba, desestabiliza não somente a própria memória, mas especialmente as redes e os trajetos de filiações históricas nas quais ele irrompe.

A partir da análise do *corpus* de pesquisa, observamos a distinção de dois grupos. O primeiro deles diz respeito ao(a)s aluno(a)s que, aprovado(s) no vestibular, desloca(m)-se de fora – de outro lugar (cidades e estados brasileiros) – para estudar na UFSCar e morar em CMA. São sujeitos que deixaram seus lares (*chez soi*) para morarem, por um tempo determinado, em uma cidade do interior paulista. Já o segundo grupo constitui-se de moradores estabelecidos que, em sua grande maioria, mora na cidade de CMA há mais de 20 anos: os hospedeiros.

Compreendemos que tanto o primeiro grupo quanto o segundo sofre deslocamentos identificatórios importantes, ou seja, os sujeitos aí envolvidos – hospedeiros e hóspede –, ao passarem a con-viver no mesmo espaço simbólico da cidade, entram em um processo de (des)construção de seu olhar. A partir do acontecimento “implantação de um *campus* universitário”, não são mais os mesmos: nem a cidade, nem hospedeiros (estabelecidos) e hóspedes (*outsiders*). Em síntese e bem ao gosto do pensamento heraclítico: nem a cidade é a mesma, nem tampouco seus moradores.

Vale aqui uma pausa para explicarmos os termos entre parênteses que utilizamos no parágrafo anterior. Em nossa pesquisa de pós-doutoramento, apropriamo-nos dos termos criados por Elias e Scotson (2000) em sua obra seminal intitulada “Os estabelecidos e os *outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade”, para compreendermos as relações sociais e discursivas produzidas entre os sujeitos moradores na cidade de CMA. Mais precisamente, denominados “estabelecidos” os antigos moradores e “*outsiders*”, os novos. Entenda-se por “antigos moradores” aqueles que habitam CMA há mais de 20 anos, enquanto “novos moradores”, aqueles que passaram a habitar a cidade em virtude do *campus* da UFSCar (alunos e servidores federais).

A partir da implantação de um *campus* universitário e, por conseguinte, da chegada de novos moradores de outros lugares para nele estudarem, a cidade de CMA transforma-se em um espaço que passa a engendrar um novo processo não só de construção social como também identitária. Nesse processo, vemos o real da cidade irromper: a cidade como local de (des)encontro entre estranhos. A esse respeito, vale dizer que aquele que é considerado ‘estranho’ (o de fora, o outro, a alteridade) também estranha o outro com o qual passa a conviver (os hospedeiros, os estabelecidos). Levando em conta o contexto de produção de nosso *corpus*, todos são estranhos buscando, cada qual a seu modo, estabilização de sentidos e de suas identidades ilusoriamente estabelecidas. Nesse sentido, a afirmação de Coracini (2007, p. 51), vai ao encontro disso que estamos afirmando:

Constituído na falta e pela falta, o sujeito (se) constrói uma identidade (que ele crê transparente), constrói sua morada para nela habitar, na ilusão de, assim, poder se definir

(identificar-se a si próprio), se encontrar com o outro (identificar-se ao outro), ao mesmo tempo semelhante e diferente (CORACINI, 2007, p. 51)

Concentrar-nos-emos no segundo grupo que, na escuta, tem apontado para o desdobramento de uma subdivisão significativa. O quadro abaixo nos permite visualizar o seguinte funcionamento de uma relação paradigmática que estabelece sentidos e imagens para e sobre o outro (hóspedes, *outsiders*), observemos:

GRUPO II – ESTABELECIDOS	SUBDIVISÃO		
Moradores antigos consideram a implantação do <i>campus</i> da UFSCar para CMA	A um malefício	B um benefício	C <sup>3</sup> ?

Do grupo II, observamos uma subdivisão importante: de um lado, moradores que se mostram intolerantes aos hóspedes, significando a sua presença e, por extensão, a da UFSCar maléfica, nociva para a cidade e, de outro, moradores para os quais a criação do *campus* é benéfica, positiva, oportuna. Desenha-se aí uma espécie de lógica binária fundamentada na oposição entre o bem e o mal, o certo e o errado, o decente e o indecente. Como toda estrutura binária, esse tipo de oposição, característica da tradição metafísica (DERRIDA, 2001) favorece exclusões, como a pesquisa tem revelado. Acrescente-se, uma escuta mais atenta permite-nos depreender um terceiro subgrupo que traz em seu interior contradições, conflitos, apontando para sentidos importantes a serem compreendidos e analisados<sup>4</sup>.

O recorte que fizemos da entrevista a seguir traz a fala de uma senhora de 70 anos que mora há mais de 40 anos em CMA. No plano do intradiscorso, a direção argumentativa aponta para a identificação ao grupo 2, subgrupo A, isto é, ao grupo para o qual a criação do *campus* é pejorativa:

#### RECORTE 1, ENUNCIADORA 1:

“Eu sei dizer que **esses estudantes**, para maioria do povo aqui, para todos, **piorou** porque **ninguém tem mais sossego** aqui na cidade. **Aquela cidade pacata, você dormia em paz**, agora virou um fermento isso aqui. É tudo de ruim, tudo de ruim, não tem nada que você fala assim **“olha, que benção que eles estão aqui”**...nada, nada, boca suja no meio da rua, eles não respeitam a gente, eles não tá ai com a gente, fumando...Aquelas meninas a coisa mais linda, quase todas nua por aí, com droga na mão, droga, droga, droga que rola nesse povo. Naquele Lobão, virou uma zona ... na pizzaria, teve gente, amiga minha que teve que sair da pizzaria, o marido tirou ela lá, porque as meninas (da faculdade) tudo pelada, tudo nua no meio da rua, minha fia do céu, **dá nojo**, dá vergonha, de madrugada... oia o tanto que eles bebem, **perdem a noção da vida, fazem o que querem fazer**”. (grifos nossos).

Nesse modo de elaborar sentidos para o outro, significá-lo, atravessa uma mentalidade narcisista: desejo de ver a sua imagem refletida no outro, revelando, ao mesmo tempo, um sentimento de horror (repulsa) ao que há de diferente no outro. Isto é, tudo aquilo que vem da alteridade (do outro, do morador

<sup>3</sup> Em virtude do espaço e do andamento da pesquisa, discorreremos sobre este subgrupo em outro momento, na forma de publicação em periódico e/ou apresentação oral em congresso direcionado à pesquisa em Análise de Discurso.

<sup>4</sup> Em virtude do espaço concedido, não será possível falar do terceiro subgrupo observado nas análises.

provisório) é repellido para fora, já que em seu ideal totalizante o sujeito busca, inconscientemente, preservar seu sentimento de identidade para confirmar (controlar) seu mundo (cidade!) ilusoriamente intacto, sem a presença perturbante do outro.

Tudo se passa como se o outro (hóspede) fosse um risco à identidade aparentemente fixa do antigo morador. No plano do imaginário, representa-se o outro como o mal (signo da maldição), o qual é preciso evitar e/ou silenciar e, por que não dizer, no limite, eliminá-lo: “É tudo de ruim, tudo de ruim, não tem nada que você fala assim “olha, que benção que eles estão aqui”. Note-se que o item lexical “benção” está funcionando como contraparte de “maldição”. Nessa via, o outro é visto como maldição, já que desarranja os referenciais de seu mundo normatizado. Lembremos que, no texto bíblico, a palavra “maldição” traz alguns sentidos possíveis em suas margens: a maldição é advinda da quebra da aliança dos fieis com Deus, mas também está associada à ideia de “lançar uma praga”, “proferir uma maldição”, “verbalizar algo ruim contra uma pessoa ou objeto”. Seus efeitos podem ser trágicos e duradouros, do ponto de vista espiritual. Deslocando esse sentido para pensá-lo a partir das condições de produção de nosso *corpus*, o hóspede comparece na memória como um indesejado que vem trazer a praga que, como tal, tende a se alastrar pela cidade, causando doença e/ou algum tipo de desgraça. A maldição, tragédia, materializa-se na implantação do *campus* e na vinda dos novos moradores.

A imagem de cidade tranquila, sossegada, aconchegante, que uma parte dos moradores traz na memória – “aquela cidade pacata, você dormia em paz, agora virou um fermento isso aqui” (recorte 1) – sofre um abalo em virtude das modificações que a implantação do *campus* da UFSCar tem produzido. No plano da representação, tais modificações são sentidas como uma verdadeira maldição que vem, entre outras coisas, tirar a “paz” e a “tranquilidade” que caracterizavam a cidade outrora, época essa em que não havia *campus* universitário nem hóspedes (*outsiders*).

Os moradores para os quais a vinda dos hóspedes é um mal para a cidade apresentam um modo de significá-los a partir de uma visada castradora no sentido de que há um desejo, que irrompe no fio do discurso, de eliminar o que no outro é diferente, bem ao modo do ideal procustiano: desejo de ajustar o outro a uma fôrma – *cama de Procusto?! –* segundo critérios estabelecidos alhures. Como vimos afirmando, o outro, as suas diferenças, comparecem como um signo de ameaça, desarranjo, desordem do que está aparentemente fixado, normatizado, daí a necessidade de ajustá-lo ou, até mesmo, excluí-lo.

A respeito dessa diferença no outro, vale lembrar aqui do estrangeiro (*xenos*) do Sofista de Platão que coloca em causa a autoridade do pai Parmênides, mais precisamente o seu discurso, a sua forma de falar e, portanto, a sua soberania. De modo similar, o modo de falar e de ser dos novos moradores (hóspedes) – “beber”, “fumar”, “ficar pelado(a) na rua”, “linguagem característica” (“boca suja no meio da rua”, cf. recorte 1) etc., – implica em um gesto revolucionário, afinal, como bem afirma Derrida (2001, p. 32), o estrangeiro é aquele que “não fala como os outros, alguém que fala uma língua estranha”. Noutros termos, o modo de falar, de ser e de se comportar dos novos moradores conflita com o modo de falar e de ser dos antigos moradores, como assinala a moradora entrevistada. Como ambos falam diferentemente porque enunciam de posições discursivas distintas, o espaço em que estão situados passa a ganhar um

estatuto igualmente diferente: o de um entre-lugar: no caso dos antigos moradores, a cidade já não é mais a mesma “a cidade pacata de outrora” (cf. recorte 1), nem é sua a casa (cidade) onde o hóspede provisoriamente reside. Nesse sentido, rearranjando a afirmação de Kristeva, trata-se de uma estranha cidade de fronteiras e alteridades incessantemente construídas e desconstruídas (KRISTEVA, 1994, p. 283).

Para terminar provisoriamente a reflexão que propusemos no IX SEAD (2019)<sup>5</sup>, pode-se afirmar que, a partir da implantação de um *campus* universitário e, por conseguinte, da chegada de novos moradores de outros lugares – não somente de São Paulo como também de outros estados brasileiros para nele estudarem –, a cidade de CMA transforma-se em um espaço que tem engendrado um novo processo não só de construção social como também identitária. Nesse processo, vemos o real da cidade irromper: a cidade como local de (des)encontro entre estranhos. A esse respeito, vale dizer que aquele que é considerado ‘estranho’ (o de fora, o outro, a alteridade) também estranha o outro com o qual passa a conviver (os hospedeiros, os estabelecidos).

Assim, levando em conta o contexto de produção de nosso *corpus*, todos são estranhos buscando, cada qual a seu modo, estabilização de sentidos e de suas identidades ilusoriamente estabelecidas<sup>6</sup>. Nessa relação com o outro, o diferente, ninguém (estabelecidos e *outsiders*) sai ileso: todos são, de alguma forma, afetados.

## REFERÊNCIAS

- CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2007.
- DERRIDA, Jacques; DUFOURMANTELLE, Anne. *Da hospitalidade*. (A. Romane, Trad.) São Paulo: Escuta, 2003.
- DERRIDA, Jacques. *O monolinguismo do outro: ou a prótese de origem*. Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MOTA, Ilka de Oliveira; PEREIRA, André; NIERO, Leonardo Paes. *Cursinho popular Carolina Maria de Jesus da UFSCar Lagoa do Sino: sujeito, sentido e imaginário*. Porto Velho (RO): Revista Igarapé, v.11, n.1, p. 83-96, 2018.

---

<sup>5</sup> Reiterando, a presente pesquisa encontra-se em andamento, daí a necessidade de sinalizar ao leitor que se trata de uma conclusão provisória.

<sup>6</sup> Como já explicitamos, a identidade aqui é pensada como processo de identificação que pressupõe a atuação do desejo (CORACINI, 2007, p. 159).